

APRESENTAÇÃO

Neste ano de 2012 a Revista *Novos Rumos* completa o segundo número de sua periodicidade semestral na nova fase que marca sua volta à circulação, através do convênio estabelecido entre o IAP – Instituto Astrojildo Pereira e o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP. Nesta edição, suas seções estão assim organizadas:

Na seção *Clássicos/Documentos* – cujo propósito é o resgate de textos importantes das Ciências Humanas e Sociais, bem como documentos, cartas, correspondências, manifestos e entrevistas – trazemos neste volume um texto, inédito em língua portuguesa, de Karl Marx, *A Constituição da República Francesa aprovada em 4 de novembro de 1848*, publicado em 14 de junho de 1851, no *Notes to the people*, jornal da ala revolucionária do cartismo, dirigido por Ernest Jones. Este artigo, que foi publicado anonimamente, representa os desdobramentos do que Marx escreveu sobre a situação francesa na *Nova Gazeta Renana - Revista* no primeiro trimestre de 1850 e antecipações do que irá escrever em *O 18 Brumário de Luis Bonaparte*. O texto é apresentado por Paulo Douglas Barsotti no artigo *Sobre Marx, Engels e o cartismo*, onde resgata a importante relação e colaboração direta de quase duas décadas entre os comunistas alemães e o cartismo – a forma mais rica do movimento operário inglês. Marx e Engels consideravam-se membros do “partido” cartista.

A seção de *Artigos* traz uma importante discussão no campo da ciência política a partir do texto do italiano Renato Caputo, doutor pela Universidade de Urbino, que problematiza se os direitos humanos são uma pressuposição normativa das relações civis ou o produto do desenvolvimento político autônomo de diferentes estados. No artigo “Direitos *formais* e necessidades *reais*: Marx e os direitos humanos”, o autor defende que no debate contemporâneo o conceito de “direitos humanos” acaba sendo tratado como uma abstração universalizante e, para a superação desse problema, propõe o resgate do pensamento de Marx sobre o tema. Ainda no campo do direito e da política, Csaba Varga – que é pesquisador do Instituto de Ciências Políticas e Jurídicas da Academia de Ciências da Hungria – escreve sobre “Lenin e a criação revolucionária do direito”, onde analisa o papel que o direito passa a ter em situações onde uma revolução social coloca no poder uma nova classe. É analisado o caso soviético e o ajuste das exigências formais do direito com as políticas de uma conjuntura de rápidas transformações econômicas e sociais.

Ainda na questão soviética, o sociólogo Henrique Amorim aborda um tema aparentemente anacrônico – como ele mesmo acentua – mas que na verdade tem uma profunda atualidade, principalmente no que diz respeito aos dilemas do mundo do trabalho: a técnica como forma de radicalização da luta de classes, analisando a incorporação do taylorismo na União Soviética dos anos 1920. O autor trata de questões como a eventual neutralidade da

técnica e da ciência no processo de produção de mercadorias, caracterizando o taylorismo como uma forma de organização do trabalho que corresponde a um conjunto de relações sociais que dá sentido à dominação e à exploração capitalista. Vale a pena ler esta interessante abordagem. A conexão temática deste número prossegue com o artigo do historiador Edgard Leite que discute “Política e ética no socialismo real”, analisando como foi tratada a literatura soviética após a desestalinização. Ele defende que diversos marxistas foram levados a desprezar o papel da subjetividade como se fosse mero reflexo das condições materiais e defende que esse tipo de inconsistência imputada à literatura conduziu fatalmente o pensamento revolucionário à confusão e à frustração, na medida em que implicou na instalação e vivência de uma dolorosa dissonância cognitiva.

Na importante reflexão histórico-política e teórica sobre as experiências do chamado socialismo real que este número da Revista *Novos Rumos* traz aos leitores, apresentamos o artigo de Pedro Leão da Costa Neto sobre o marxismo no Leste Europeu, através da obra *Dialética do concreto*, de Karel Kosik, escrita nos anos 1960. O autor caracteriza Kosik como anti-conformista e crítico por excelência, defendendo a necessidade do resgate de seu pensamento – após mais de quarenta anos da “Primavera de Praga” – por entender que ele representou uma importante tentativa de superar os estreitos limites da síntese filosófica dominante nos países da Europa Oriental.

Nesse contexto, a discussão sobre a China também ganha espaço nas páginas deste volume da Revista, ainda que – neste caso – a reflexão concentre-se sobre a atualidade de sua situação econômico-social. Este é o tema que os professores argentinos Gustavo Santillán e Jaime Silbert (*in memoriam*) tratam no artigo “Contribuição para a compreensão da China atual: economia, intervenção estatal e consequências sociais”. Os autores procuram compreender e definir o que é a classe trabalhadora chinesa nos dias de hoje, caracterizando as relações entre trabalho e capital numa China com crescimento sustentado da economia e com abertura e integração na economia capitalista global. Para isso, eles abordam o alcance das reformas chinesas a partir de 1978, sua inserção na OMC, bem como o patrimônio nada desprezível herdado da era maoísta, quando a classe trabalhadora criou um importante patamar de industrialização, que baseou seu desenvolvimento posterior.

Para completar essa série de reflexões internacionais, finalizamos a seção de *Artigos* com um estudo que circunscreve-se ao cenário mundial pós Guerra Fria e ao problema da inserção internacional do Brasil e dos países latino-americanos a partir desse período, quando se redefiniram estratégias econômicas de desenvolvimento nos países da região. Trata-se do artigo da cientista política Meire Mathias, “O desenvolvimento sob impacto das reformas na América Latina: o legado dos anos 1990”. Centrada no binômio política externa e desenvolvimento, a autora analisa a retomada do processo de implementação de reformas voltadas para o mercado no Brasil e na América Latina, demonstrando a correspondência existente entre estratégias para o desenvolvimento e as diretrizes de inserção internacional do país, no contexto da expansão neoliberal dos anos 1990.

Na seção de *Crítica cultural* trazemos dois artigos. O primeiro, “Três trajetórias e uma mesma estrada”, traz uma discussão sobre os partícipes do cinema politizado, com três narrativas que tematizam a fuga do rural para o urbano a partir do sertão nordestino: *Vidas*

Secas (1963), de Nelson Pereira dos Santos, *Trópicos* (BR/ITA, 1967), de Gianni Amico, e *O Caminho das nuvens* (2003), de Vicente Amorim. De autoria de Célia Tolentino, competente pesquisadora do tema, e de Odirlei Dias Pereira, a publicação do artigo é também uma homenagem póstuma ao co-autor que era mestre em Ciências Sociais pela UNESP e autor do livro *No rádio e nas telas: a música sertaneja de sucesso e sua versão cinematográfica*. Infelizmente, como nos narra afetivamente Tolentino, “em dezembro de 2008, nosso Odi encantou-se, como diria Guimarães Rosa”, homenageando-o em sua “paixão pela reflexão e pelo cinema”.

O segundo artigo é uma discussão realizada pela socióloga Tatiana Fonseca Oliveira sobre o filme *Kaos*, de 1984, dos irmãos Taviani. Segundo a autora, neste filme os diretores toscanos encontraram mais um modo para falar da Sicília, trazendo pela primeira vez para o cinema os contos do romancista e dramaturgo siciliano Luigi Pirandello. Baseada no pensamento de Gramsci e Lukács, a autora compara a visão de mundo entre os dois diretores e Pirandello, e a forma de produzir uma obra que se pretende artística. Ao final da leitura deste artigo, fica quase impossível controlar a vontade de rever (ou ver pela primeira vez) o filme *Kaos*, bem como *Tu ridi*, filme de 1998 que repete a mesma parceria, traduzido no Brasil como *A gargalhada*.

Completam este número duas resenhas. A historiadora Joana Salém Vasconcelos resenha de modo bastante apetitoso o romance do escritor Luiz Bernardo Pericás, *O cansaço* (Boitempo, 2012). Ambientado na miséria nordestina, a resenhista afirma que o autor ingressa, com este livro, no universo dos romances do sertão, cuja linhagem é canônica e desafiadora (de *Vidas Secas* a *Grande Sertão: veredas*), pois o autor teria caminhado neste território literário com originalidade, reverenciando os clássicos. A segunda resenha é da cientista social Jordana de Souza Santos, que consegue aliar abordagem de conteúdo e estímulo à leitura do importante livro do sociólogo, professor e pesquisador da Unicamp, Marcelo Ridenti, *Brasilidade revolucionária* (Editora da UNESP, 2010). A resenhista mostra como Ridenti analisa a característica revolucionária do povo brasileiro, pensada e sentida pela intelectualidade, pelos militantes de esquerda e pelos movimentos sociais e culturais brasileiros, num recorte a partir dos anos 1980.

Angélica Lovatto
Editora-Assistente da *Novos Rumos*
Diretora da Revista no IAP

